



VIDA PAROQUIAL



Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.^o JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

O PAPA

"Vida Paroquial"

No acume da Igreja, visiona o homem de fé, essa figura aureolada de virtude e de beleza espiritual que não só alumia as inteligências, como sobretudo entenece os corações. Cadeia magnífica que S. Pedro começou e que, através de todas as vicissitudes da história, se tem mantido e tem sabido orientar os homens para Deus. Aparentemente sem poder, o Papa é um condutor de almas e de consciências. Onde está o segredo de tal poder? «O meu reino não é deste mundo» havia dito Jesus. E o reino do Sumo Pontífice também não é deste mundo. A sua Missão é a mesma de Jesus — salvar os homens, elevando-os pela Graça, até Deus. Está patente a afirmação categórica de Jesus: «Dou-te as chaves do reino do céu; tudo o que ligares na terra será ligado no céu, tudo o que desligares na terra será desligado no céu».

Perante a indiferença de tantos que não compreendem o bem que se lhes faz, ou mesmo fazem contra-corrente, fazem bem os incentivos, venham donde vierem. E não resistimos por isso em transcrever a linda carta que recebi há dias e sobretudo vinda de onde veio.

Ai vai e que não seja isso considerado como vaidade, mas que seja apenas um pouco de entusiasmo que se comunique:

«Rev.^{mo} Sr. P.^o José da
Costa Saraiva:

Em primeiro lugar, felicito V. Rev.^a, pela grande acção que está desenvolvendo em bem dessa ilustre paróquia e que muito virão a lucrar os paroquianos que se seguirem, para bem do nosso lindo Portugal.

Em segundo lugar, pedia a V. Rev.^a se me enviava os números que teve a honra de publicar de «Vida Paroquial», nem que sejam dos estragados que V. Rev.^a não possa vender ou utilizar para os seus dig.^{mos} assinantes.

Sim, assinantes; pois era incrível que todos os habitantes dessa laboriosa e encantadora terra não assinassem «Vida Paroquial», que é deles e próprio para eles.

Cá fico esperançado e ao mesmo tempo com a certeza que me visitará todos os meses essa joia de Boletim que é indispensável para unir as ovelhas todas em volta do Pastor, apontando ao mesmo tempo

E por isso Ele é o Vigário de Jesus na terra, chefe visível da Igreja, como Jesus é o Chefe invisível. E por isso o Papa nunca erra em assuntos de fé e moral, porque é infalível. O Espírito Santo assiste-lhe de forma especial. Podem lançar-se contra Ele as forças do mal, mas nada o fará desanimar, porque a promessa de Jesus — de que as portas do inferno não hão-de prevalecer contra a Igreja — é hoje um facto histórico inegável.

O Papa é o Chefe Supremo da Igreja, é o nosso Pai, é a Ele a quem devemos o maior respeito depois de Cristo, o divino fundador da Igreja. Somos seus filhos, devemos obedecer as suas ordens, seguir os seus conselhos, ouvir e seguir as suas orientações. Devemos mesmo rezar por Ele, com a mesma fé com que o fazia a pequenita Jacinta, vidente de Fátima, para que o Senhor o ilumine na orientação da Igreja como é necessário, sobretudo nestes tempos calamitosos.

Se lermos a história da Igreja encontraremos figuras extraordinárias de Papas. Para só citar os mais recentes basta lembrar Suas Santidades, Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI. E quem não conhece a figura austera, mas suave, de diplomata e de santo, de poliglota e de sábio, que é o Papa reinante, Pio XII? Homem extraordinário, admirado até pelos inimigos da Igreja, a sua figura será sempre lembrada como a de um homem de caridade, sempre preocupado com a Paz do mundo, o que lhe mereceu o título de PAPA DA PAZ.

Em suma, amemos o Papa, saibamos atender às suas súplicas e podemos estar certos de que estaremos com a Igreja.

(Continua na 2.^a página)

CATECISMO



VI LIÇÃO

Os Anjos e os Demónios

Logo a seguir ao Baptismo, Jesus retirou-se para o deserto. Aí jejuou quarenta dias e quarenta noites e teve fome. Foi então que Satanás se apresentou. Sabeis que

História

(Continuado da 3.^a pág.)

saiam da mesma haste e outras sete, chupadas e secas, que engoliam as gradas. Nenhum sábio ou adivinho do reino foram capazes de desvendar tais mistérios. O copeiro-mor aconselhou o Faraó a chamar o jovem hebreu, que estava na prisão. José explicou prontamente os sonhos. Tudo era anúncio de Deus. As sete vacas gordas e as sete magras, assim como as sete espigas gradas e as sete espigas secas, anunciavam, sete anos de abundância e sete anos de carestia. Passados sete anos de abundância, viria a fome. Competia ao rei escolher um homem sábio, que recolhesse trigo nos anos de fartura para os anos de carestia. Ficou o Faraó muito agradado com a explicação sensata de José e constituiu-o em autoridade sobre todo o Egipto. José ficou sendo o vice-rei do Egipto.

Satanás é um dos anjos que se revoltaram contra Deus e que, expulsos por Deus do céu, se tornaram demónios. Ele procurou, pois, tentar Jesus. O Evangelho conta-nos, em detalhe, as três tentações. No fim da terceira, Cristo repeliu o tentador, dizendo-lhe: «Retira-te, Satanás...» Neste momento alguns anjos desceram do céu e serviram-no. Há portanto espíritos maus e espíritos bons. Os maus procuram levar-nos para o mal, fazendo-nos ver o pecado como um grande bem. Os espíritos bons, ao contrário, protegem-nos e ajudam-nos a obedecer a Deus: dão-nos bons pensamentos, bons desejos.

Tendes um anjo que vos guarda e a quem podeis rezar nas tentações e nos perigos. Sede fiéis em seguir as suas inspirações.

LIÇÃO

- 1.º — Quais são as criaturas mais perfeitas?
— São os anjos e os homens.
- 2.º — Que são os anjos?
— São espíritos criados por Deus para o adorar e servir.
- 3.º — Em que estado criou Deus os anjos?
— Deus criou-os bons e felizes.
- 4.º — Todos os anjos se conservaram bons?
— Não, pois muitos se revoltaram contra Deus.
- 5.º — Como se chamam os anjos que se revoltaram contra Deus?
— São os demónios.
- 6.º — Que fazem por nós os anjos bons?
— Protegem-nos e encaminham-nos para o bem. Cada um de nós tem o seu anjo da Guarda.
- 7.º — Que fazem contra nós os demónios?
— Procuram levar-nos ao mal por meio das tentações.
- 8.º — Podeis resistir aos demónios?
— Sim, com a ajuda de Deus, que devemos pedir pela oração.

*
— Nas tentações e perigos, chamaei em meu auxílio o anjo da Guarda.

*
Oração — Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois a Ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre me governa, rege, guarda e ilumina. Amen.

*
Liturgia — A Igreja celebra: S. Miguel Arcanjo, em 8 de Maio e 29 de Setembro; o anjo S. Gabriel em 24 de Março e o arcanjo Rafael em 24 de Outubro; no dia 2 de Outubro ela festeja os Santos Anjos da Guarda. As vestes sagradas são brancas.

«Vida Paroquial»

(Continuado da 1.^a página)

algumas manchas, que o bom povo vai corrigindo, se depressa, se devagar.

Estou a escrever esta carta, Ao cantar dos Passarinhos, Viva o Sr. Director de «Vida Paroquial», E o bom povo de Figueiró dos Vinhos.

Eu queria escrever-lhe coisas grandes, Mas, senhor, só sei isto. Abençoada seja essa joia de jornal, Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Condecorado seja «Vida Paroquial» A quem tenho bastante amor. Oxalá que prègue cada vez mais A vida do nosso Redentor.

Estas coisas que eu digo, Não são palavras em vão. Pois saem cá de dentro, Do fundo do coração.

Viva o senhor P.^e José, E todo o povo em geral. Viva Figueiró dos Vinhos, Viva Portugal.

Sr. Padre, receba um grande abraço deste gaiato que fica esperançado.

DANIEL BORGES DA SILVA
Casa do Gaiato — Paço de Sousa.»

História de José

Devido a mal entendidos entre Jacob e Labão, aquele voltou a Canaan, onde encontrou ainda seu velho pai Isaac, que o recebeu com alegria. Jacob teve doze filhos, afeiçoando-se, em especial, a José. Esta predilecção provocou a inveja e má vontade dos irmãos contra ele. Um dia, em que andavam a apascentar os rebanhos, os irmãos de José praticaram uma acção má, da qual José se queixou ao pai. Esta queixa aumentou o rancor dos irmãos.

Sucedeu ainda que o santo jovem contasse aos irmãos vários sonhos que tivera. Num deles vira o sol, a lua e as estrelas inclinar-se diante dele. Neste sonho viram eles a pretensão de José querer dominá-los e por isso resolveram desfazer-se dele. Pensaram em matá-lo e lançá-lo num poço, dizendo depois ao pai que uma fera o devorara. Ruben, porém, opôs-se e propôs que o lançassem numa cisterna. Foi lançado na cisterna. Mas, tendo passado uns

HISTÓRIA

mercadores estrangeiros a caminho do Egipto, resolveram vendê-lo por vinte moedas de prata. Ruben, que não assistira a este acto tão bárbaro, ao voltar ficou indignado e rasgou os seus vestidos em sinal de dor. Para enganar Jacob, mataram um cabrito e ensoparam no sangue a túnica de José. O velho pai chorou, por largo tempo o seu filho tão amado.

Chegados ao Egipto, os negociantes venderam José ao capitão do guarda de Faraó, chamado Putifar. Cedo caiu José nas boas graças do seu senhor; de modo que este o nomeou intendente geral de sua casa. A mulher de Putifar apaixonou-se por ele e, um dia, procurou induzi-lo a praticar uma acção infame. Ele, porém, respondeu: «Como posso eu fazer tamanho crime, e pecar contra o meu Deus?». José fugiu, deixando o seu manto. Despeitada, a mulher gritou; vieram os criados e José foi preso.

José na prisão

José ganhou logo a afeição do governador da prisão, pelo que este lhe confiou a inspecção dos outros presos.

Entre os presos encontravam-se o copeiro-mor e o padeiro-mor da casa real. Uma noite tiveram um sonho que não sabiam interpretar. José desvendou esses sonhos, anunciando que o copeiro-mor iria, dentro de 3 dias, ocupar o seu antigo lugar e que o padeiro-mor seria morto. E, de facto, tudo sucedeu como José havia predito.

Passaram-se dois anos de tormentos e solidão para o nosso herói e o Faraó teve um sonho exquisito. Junto do Nilo viu sete vacas gordas que saíam da água e pastavam nas margens do rio. A seguir viu sete vacas, magras e feias, que devoravam as gordas. Noutro sonho viu sete espigas grandes e formosas, que

(Continua na 2.ª pág.)

— 16 —

forçadas a ouvir, enchendo os olhos de lágrimas e a alma de mágoa e pesar.

Era nessas ocasiões que ela sentia renascer no seu peito a firme resolução de antes se deixar desfazer em pedaços do que pronunciar sequer alguma de semelhantes palavras!

Todo o povo admirava nela uma gravidade de tal forma natural e sem affectação, que ainda sem a conhecer, se sentia movido a perguntar:

— Quem é essa criança tão séria e tão formalizada? Parece mesmo uma mulher.

Costuma-se dizer — e é uma grande verdade — que as crianças inocentes compreendem as coisas mais e melhor do que se possa julgar à primeira vista. Pelas coisas de Deus têm uma intuição especial. Disse Jesus que os puros de coração vêm melhor a Deus.

A pequena Bemaventurada provou-o eloquentemente no último ano da sua existência de forma especial. Com uma caminhada de vinte quilómetros fora a Neptuno assistir a um sermão sobre a Paixão de Jesus. Voltou impressionadíssima. «Mãezinha, repetia de vez em quando, *oh, que linda prática fez o nosso arcipreste!*» E as dores de Jesus aumentavam na

— 13 —

campo, havia virtude verdadeira e do melhor quilate, porque havia nela verdadeira piedade religiosa. A graça de Deus operava nela porque ela a chamava a si pela oração inocente e fervorosa.

A inteligente e meiga menina não se contentava com ser ela, «só e toda de Deus» e devota da Divina Mãe dos Órãos: queria também ensinar aos seus irmãozinhos o caminho do Céu.

Como se fosse uma mãe de família, logo de manhã, depois de ter rezado a só, fazia-os rezar a eles com grande devoção.

Durante o dia, mais que uma vez, reunia-os em volta de si, e servindo-se de pequenos presentes e boas maneiras, obrigava-os a rezar de novo, especialmente para os mover também a eles a sufragar a alma do seu querido pai. Para isso tinha à mão algumas gulodices, ou quaisquer doces com que a presenteavam quantos a estimavam e apreciavam a sua bondade, tão precoce e tão rara naquela tenra idade.

Mariano, o irmão, lembra como a querida Mariazinha lhe ensinara com paciência e cuidado as orações e as perguntas e respostas do

Vida da Paróquia

Movimento religioso

1 — Baptizados — Junho e Julho — a) António David da Silva, filho de José da Conceição da Silva e Maria Rosa dos Reis David, de Vale do Rio; b) Maria Beatriz dos Santos Conceição, filha de Artur dos Santos Conceição e de Adelaide de Jesus dos Santos, Vila; c) Maria Helena do Carmo Oliveira, filha de Armando Raposo de Oliveira e de Maria de Lourdes do Carmo, Vila; d) Manuel Ferreira Gomes, filho de José Joaquim Teixeira Gomes e de Jesulina das Dores Ferreira, Vila; e) Fernando da Conceição Martins, filho de Joaquim Martins e de Maria Amélia da Conceição, de Chãos de Baixo; f) Manuel Simões Godinho, filho de Augusto Marques Godinho e de Maria da Conceição Simões, de Cabeças; g) Abílio da Conceição David Paiva, filho de António da Silva David e de Maria da Conceição, de Casal dos Ferreiros; h) António Rosa dos Santos, filho de António da Conceição dos Santos e de Ade-

laide Rosa Leitão; de Colmeal; i) Manuel Alves de Jesus, filho de José David de Jesus e de Belmira Martins Alves, da Ribeira de São Pedro; j) José de Almeida Simões, filho de Sérgio Martins Simões e de Beatriz da Graça Almeida, do Casal dos Ferreiros; l) João de Jesus Pais, filho de Manuel do Carmo Pais e de Alice de Jesus Pereira, de Chãos de Cima; m) Augusto Marques David, filho de Manuel Rodrigues David Paiva e de Briolonja Marques Paiva, de Aldeia Cimeira. Parabéns e que o Senhor os faça crescer em bem.

2 — Matrimónios — 1) Domingos da Conceição Francisco e Palmira Dias dos Santos; 2) Artur da Conceição Pais e Maria Lucília David da Silva; 3) Francisco Rodrigues e Aldina da Conceição; 4) Juvenal dos Anjos Alves e Maria de Lourdes da Conceição Dias; 5) José Ferreira de Abreu e Maria Isilda Conceição Fernandes; 6) Manuel Ferreira Simões e Maria Ferreira Antunes; 7) António da Silva David Paiva e Maria Amé-

lia da Conceição; 8) Manuel Simões Graça e Maria de Lourdes Martins Malho. Que Nosso Senhor os abençoe.

3 — Falecidos — 1) Henrique de Jesus Costa, do Douro; 2) José Coelho Vitorino, Aldeia Cimeira; 3) Rita Coelho Quaresma, de Aldeia de Ana de Aviz; 4) Joaquina da Conceição, Chávelho; 5) José Coelho da Silva, Vila. Paz às suas almas. P. N. — A. M.

+

Assinaturas

Pagaram as suas assinaturas: Sr. tenente João Ambrosino Aguiar Valadão — 15\$00; Sr. António Vicente; Sr.^{as} D. Ermelinda Lacerda; D. Júlia Rosinha; Flora Neves Pinto; Sr. Herculano Herdade — 10\$00. Muito obrigado.

+

Festa de Santo António

Teve lugar no dia 13 de Julho a tradicional festa de Santo António, nas Bairradas.

Tudo correu com simplicidade e respeito. Que Santo António nos proteja.

— 14 —

Catecismo que aprendera em família e na igreja à custa de esforço pessoal porque nem ler sabia.

O seu comportamento e a sua influência entre os pequenos era tal que podia servir de modelo a uma professora religiosa ou Mestre de qualquer Colégio.

O cavaleiro Marini, numa poesia que lhe dedicou, verdadeira fotografia poética, chama-a: «Mestra-nata». Sabia ela também animar, consolar, exortar a serem bons, e ainda fazer compreender toda a diformidade das pequenas faltas, especialmente quando, vendo a mãe pronta a dar-lhes o seu merecido castigo, corriam a agarrar-se-lhe aos vestidos. Então Maria era o único refúgio.

— «Maria, a mãezinha quer bater-me!»

E ela, ao mesmo tempo que fazia os ofícios de boa e compassiva advogada, repreendia-os pelas suas travessuras e exortava-os a corrigirem-se. Eles certamente lho permitiam, mas, volta e meia, tornavam às mesmas.

Porém a Mariazinha não se contentava só com suavizar as ameaças e as repreensões da mãe: prevenia-os com palavras que, na sua boca, se tornavam mais graves e mais severas.

— 15 —

— Então tu, — dizia ao Ângelo, seu irmão mais velho, — porque nosso pai já faleceu, estás a fazer agoniar a mãe! — E depois acrescentava a moralidade para todos os irmãos:

— Se nem sequer tivéssemos mãe, como nos trataríamos uns aos outros?

Nas festas, depois de ter ajeitado o melhor que podia os irmãos e as irmãs, levava-os pela mão à igreja, distante muitos quilómetros, ensinava-os a benzerem-se com devoção, e, silenciosos e compostos, os acomodava num cantinho afastado, mandando-os rezar, ou escutar, segundo a sua capacidade, a explicação da doutrina cristã ou do Santo Evangelho. A distância e o mau tempo não a atemorizavam, nem considerou nunca tal circunstância desculpa suficiente para se dispensar do Santo Sacrifício. Sendo a primeira a entrar na igreja, era a última a sair; tanto à ida como à volta, acatela-se bem para não ouvir no adro ou pelo caminho, algumas daquelas palavras vulgares ou indecentes, que, por desgraça, com frequência, certos rapazes não se envergonham de dirigir as que vão à igreja, e que, sobretudo, certas meninas, inocentes como pombas, são